

Paideia dos Pais da Igreja

Gabriele Greggersen¹

Resumo

Qual o sentido do estudo dos Pais da Igreja hoje e qual a sua contribuição específica? A partir de um referencial teórico, o texto volta sua atenção a um documento específico, a “Carta de Barnabé”, com o intuito de testar a hipótese do historiador Werner Jaeger, de que a relação entre a cultura grega e a cristã não foi de mão única, mas um “ intercâmbio”. O que houve foi uma inculturação, mediada pelo conceito de *Paideia*. Conclui-se, a partir disso, que embora o cristianismo devesse muito à cosmovisão helenista e romana, a grande contribuição dos Pais da Igreja foi a de lançamento das bases da educação ocidental no seu esforço por expandir a cosmovisão e boa nova do cristianismo, “batizando” o conceito helenístico de *Paideia*. *Palavras-chave*: *Paideia*, patrística, educação, ética, carta de barnabé.

Paideia of the Fathers of the Church

Abstract

What is the sense of studying the Church Fathers today and which is their specific contribution? Based on a theoretical sur-

¹ Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP), pós-doutoranda em História da Teologia pelo Instituto de Estudos Avançados da USP. É docente da Faculdade Teológica Sul Americana, em áreas pertinentes à educação, metodologia e ética exercendo a coordenadoria do Programa de Educação Teológica a Distância. Endereço eletrônico: gabriele@ftsa.edu.br

vey on the issue, the article focuses on “The Letter of Barnabas”, to test Werner Jaeger’s hypothesis, that the relation between the Greek and Christian cultures was not one of one way, but an interchange and inculturation, mediated by the concept of *Paideia*. Although Christianity owes much to the Hellenistic and Roman world vision, the great contribution of the Church Fathers was to provide the fundamentals of Western education in its effort to expand the vision and good news of Christianity, getting the Hellenistic idea of *Paideia* “baptized”.
Key Words: Paideia, patristic, education, ethics, letter of barnabas

Introdução

O estudo dos Pais de Igreja, que inspirou movimentos importantes na Europa e particularmente na França dos anos 40, tem atraído o interesse dos estudiosos nos últimos anos, também no Brasil.

Frangiotti lamenta que, no Brasil, poucos desses autores têm sido publicados, pois “Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente”.² Não se trata de mero saudosismo, mas do diálogo com cristãos profundamente pautados pela figura ainda viva de Cristo, com vistas à reconstrução da identidade cultural cristã na atualidade. O autor conclui a partir daí: “Os ‘Pais da Igreja’ são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja”.³

O catedrático de Oxford e Cambridge em literatura inglesa medieval e renascentista, crítico literário e autor de contos imaginati-

² FRANGIOTTI, Roque (intr. e notas), *Padres Apostólicos*, 2ª. edição, São Paulo, SP: Paulus, 1995, p. 5.

³ FRANGIOTTI, Roque (intr. e notas), *Padres Apostólicos*, 2ª. edição, São Paulo, SP: Paulus, 1995, p. 7.

vos e obras teológicas, C.S. Lewis, por exemplo, não escondia a influência deles sobre o seu pensamento.

De fato, há várias coincidências entre a sua forma de escrever e a dos Pais da Igreja: a preocupação com temas essenciais da igreja “não dividida”, como a fé, a esperança e o amor, mas também de temas “herdados” da cultura helênica, como as virtudes cardeais⁴.

Os escritos lewisianos e os patrísticos têm em comum ainda a opção pela linguagem simples e “concreta”, fazendo uso moderado de recursos da linguagem, tais como a alegoria e a parábola. Pode-se mencionar ainda o estilo dialogal; a abertura para a totalidade do real; o foco na ética; o uso da autobiografia ou da “confissão”⁵, como meio apologético; a atenção às palavras e o respeito à história; como pontos coincidentes.

Há muitos outros pensadores da atualidade e do passado que refletem semelhante influência dos pais da igreja, principalmente os reformadores. Como se não bastassem esses motivos, Hall⁶ acrescenta que os autores do passado nos fazem olhar as coisas e as palavras por um ângulo que já deixamos de ver.

Nesse artigo estaremos focando o conceito greco-judaico de *paideia* ou “educação” e como ele foi “cristianizado”. Para tanto, procuraremos seguir o método de Lewis para estudo das palavras, para melhor entendimento do pensamento dos Pais da Igreja em seu contexto linguístico-cultural.

O que Lewis simplesmente propõe é a concentração dos esforços do investigador, resgatando o *estatuto ético*, principalmente de palavras essenciais para a formação, preservação e resgate de uma

⁴ Que são: justiça, prudência, fortaleza, temperança, como bem explicitado em Cristianismo Puro e Simples de C.S. Lewis.

⁵ É interessante notar ainda a grande quantidade de paralelos que se pode estabelecer entre a história de vida e idéias de C.S. Lewis e de Santo Agostinho.

⁶ HALL, Christopher A. *Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja*, trad. Rubens Castilho, Viçosa, MG: Ultimato, 2000.

cultura sadia. Em “Sobre a leitura de livros antigos”⁷ Lewis confessa que começou a ler os clássicos do cristianismo por acaso, devido aos seus estudos da língua grega e latina, antes mesmo da sua conversão ao cristianismo. Com o tempo, ele foi descobrindo o seu valor literário. Essa literatura o levou a concluir que “se atentarmos para o decorrer dos anos, o mero cristianismo não se revela como algum tipo de transparência insípida, mas como algo positivo, de uma consistência peculiar e inexaurível”.⁸

Mas, que benefícios se pode esperar desse esforço de “reconstrução hermenêutica” de palavras desgastadas ou muitas vezes consideradas ultrapassadas aos olhos do mundo de hoje? Padovese (1992) responde a esta questão destacando que o resgate destes pensadores confunde-se com o esforço pelo estabelecimento de uma “história da literatura cristã” e tem um sentido, a um tempo de renovação e de conservação.

Esse equilíbrio entre o novo (Cristo e a ordem da Graça) e o velho (a lei e a ordem religiosa judaica), esse esforço por renovação, sem perda dos valores éticos essenciais herdados do passado é o que mais caracteriza a patrística.

Infelizmente, porém, a patrística tornou-se, na maioria dos currículos de teologia, em disciplina subalterna, por sua vinculação forte com a apologética. Muitas escolas teológicas excluíram intencionalmente esses autores, considerados “hereges” embora não se possa falar em “heresia” propriamente dita neste período de nascimento da teologia, uma vez que a “doutrina” não estava ainda formalmente delimitada.

Alguns reformadores se queixavam da falta de fundamento bíblico desses escritos, mas paradoxalmente a Reforma acabou trazendo um re-despertar do interesse por eles.

⁷ LEWIS, C.S. On reading old books, *God in the Dock*, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1970.

⁸ Idem, p. 203. (tradução da autora).

Padovese argumenta que existem hoje basicamente duas abordagens da patrologia. A primeira apresenta-se como uma ciência não-teológica voltada para a história da literatura cristã. A outra, como uma disciplina que estuda a teologia dos Pais da Igreja “não dividida”.

Além da peculiaridade de focar em temas essenciais ao cristianismo, como, por exemplo, a trindade ou a escatologia, sem deixar-se desviar por temas condicionados pelo tempo e a cultura, há uma forte vinculação desses temas com o campo da ética e dogmática cristã, com desenvolvimento de uma *hierarquia de verdades* sintetizada em credos. Esses não visavam a imposição ou dogmatização, mas, pelo contrário, a pesquisa e abertura para o que Padovese chama de *pluralismo teológico*.⁹

Mas é claro que os Pais da Igreja não podem ser lidos sem crítica, como se tivessem algum poder ou inspiração especial. Nem tão pouco se pode ignorar as contradições que alguns deles apresentam no seu próprio pensamento e em relação à Bíblia. Acontece que esses enganos eram comuns, uma vez que os fundamentos do cristianismo ainda estavam sendo construídos e as pressões e perseguições eram extremadas. Não se pode, portanto, considerá-los ‘heresias’. Também é preciso levar em conta que a origem, autoria e forma de transmissão histórica destes documentos são bastante complexas e controvertidas.

Há quem considere sua linguagem até infantil ou ingênua em alguns casos. Mas, o leitor dotado de discernimento e senso crítico certamente tem mais a ganhar do que a perder com o estudo bem direcionado dos mesmos. Basta lançarmos um olhar sobre a história para notarmos a obra grandiosa que Deus realizou mediante essas “crianças-anciãs” na fé, a quem nós devemos as raízes de todo o nosso legado cristão. Ninguém melhor do que Werner Jaeger para nos conduzir nesse processo.

⁹ PADOVESE, Luigi. *Introdução à Teologia Patrística*, São Paulo, SP: Loyola, 1992, p. 36-37.

1. O encontro de duas “paidéias”

O historiador Werner Jaeger, que pesquisou a fundo o conceito grego de educação, defende que a palavra *Paideia*, embora fosse mais associada à cultura grega, foi um elemento chave para a expansão inicial do cristianismo. Tudo indica, porém, que o conceito, mesmo aquele “batizado” pelo cristianismo, perdeu-se ao longo da história e, o que é mais lamentável a nosso ver, até entre os cristãos.

Baseado na literatura e na história, Jaeger sustenta que o sentido da palavra é para os gregos, e passou a ser para os primeiros cristãos, o mesmo que o da filosofia e, mais precisamente, da ética.

Os primeiros cristãos não escreveram explicitamente sobre educação, mesmo porque ela não existia como ciência ainda. Acontece que esta era uma prática e preocupação constante entre eles, inalienavelmente “embutida” na sua visão de mundo. A didática e metodologia do ensino dos primeiros cristãos, ou seja, a postura do educador e do educando e, portanto, o sucesso da sua interação pedagógica, era profundamente dependente dos valores fundamentais componentes de sua maneira de educar.

Ao contrário do que supõe grande parte dos historiadores da educação, Jaeger identifica a origem da palavra no *Paideuo* judaico. Esclarece ainda que a *Paideia* é uma concepção complexa, que se encontra hoje reduzida ao termo técnico *pedagogia*, derivada de *paedagogia* (latim) e *paidagogía* (grego). Infelizmente, nossa impressão é de que o seu sentido mais legítimo, ligado à ética, é o mais remoto na concepção de pedagogia no mundo contemporâneo.

A raiz grega tinha um sentido bem mais amplo e complexo do que de mera “ciência” ou “campo do saber”. Jaeger destaca, para além desta complexidade, a unidade do termo grego e sua vinculação com a *cultura e literatura grega*. O termo não pode ser definido por nenhuma fórmula abstrata e nem por alguma disciplina formal, pois não tem equivalência com nenhuma palavra moderna. Ele também se

vincula a uma série de outras noções igualmente amplas como a psicologia, a antropologia e a própria filosofia. Somente a consulta à história e à literatura seria capaz de nos dar uma idéia do sentido que o homem grego atribuía à Paidéia.

Em *Cristianismo Primitivo y Paideia Griega* (1993), Jaeger admite que os judeus já estavam helenizados e “romanizados” no advento de Cristo. Mas, ele também não nega as peculiaridades do pensamento cristão, que tornava o cristianismo propenso ao crescimento.¹⁰

Por outro lado, Jaeger esclarece que os cristãos não “imitaram” ou meramente “reproduziram” o conceito de *Paideia*. O que houve foi um processo de “inculturação”, ou seja, uma influência mútua, um intercâmbio cultural, tendo em vista a síntese para o enriquecimento de ambas as culturas. O que diferencia a *Paideia* cristã é o pluralismo de influências filosóficas e a priorização do tema da moral e dos valores, cujo modelo básico está em Cristo.

Não obstante Jaeger tivesse concebido este pequeno livro como introdutório a uma obra de muito maior alcance, que infelizmente nunca foi escrita, ele é completo nos limites do que se propõe. A idéia de estudar mais a fundo o sentido da *Paideia* no cristianismo primitivo, confessa, era antiga. Mas, foi só em idade avançada que ele se sentiu maduro o suficiente para encarar o desafio de deixar claro o valor que os cristãos davam à filosofia grega. Tanto que os primeiros mosteiros se mostravam lugares de grande erudição e os líderes mais destacados eram altamente cultos.

Depois de descrever as controvérsias teológicas entre cristãos e pagãos havidas na época, Jaeger aponta para uma síntese entre o pensamento grego e cristão, elaborada pelos grandes padres alexandrinos do século IV, tais como Basílio de Cesaréia, Gregório Nacian-

¹⁰ JAEGER, Werner. *Cristianismo Primitivo y Paideia Griega*. 6ª. Reimpressão, México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 14-15.

ceno e Gregório de Nisa, que tinham em comum precisamente o foco na educação.

O autor comenta ainda que, para além dessas influências filosóficas, o que diferenciava os escritos cristãos, como Clemente, é o seu *teocentrismo* e sua *preocupação com a prática da educação cristã*. Aparentemente ele faz uma referência à expressão que aparece na epístola de Paulo aos Efésios, que menciona da “*paideia tou kyriou*”, falando da “*paideia de Dios*’ como de la gran fuerza protectora en la vida del cristiano”.¹¹

E não somente neste caso, mas diríamos que até em toda a teologia do cristianismo primitivo podemos observar esse foco na educação. Enquanto o “molde de formação” dos gregos foi Homero, os cristãos adotaram o ideal de homem, que é Cristo e sua Palavra, a Bíblia, como o grande paradigma educacional a que foram acrescentadas, mais tarde, às artes, formando o que Jaeger chamou de *propaideia*. Enquanto a *Paideia* grega se concentrava em todo o corpo da sua literatura, a dos cristãos se centrava na Bíblia e no Verbo encarnado de Deus.¹²

Por outro lado, como já dizíamos, e bem destaca Barros (2001), o objetivo original de Jaeger era de desvendar o “processo histórico pelo qual a cristandade foi helenizada e cristianizada a civilização grega”, ou seja, a influência mútua que uma cultura exerceu sobre a outra. E ela se deu basicamente pelo viés da educação ou da *Paideia*.¹³ A autora destaca, ainda, a importância da língua grega neste processo, uma vez que esta era a falada em todas as sinagogas, e a mais vantajosa, para pôr em circulação a literatura cristã que já vinha sendo amplamente traduzida do hebraico, desde os primórdios do cristianismo. Jaeger afirma ainda que a helenização

¹¹ JAEGER, Werner. *Cristianismo Primitivo y Paideia Griega*. 6ª. Reimpressão, México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 40-41.

¹² Idem, p. 128.

¹³ BARROS, Gilda Naécia “Cristianismo Primitivo e Paideia Grega”, disponível em <http://www.hottopos.com/vdletras2/gilda.htm>, atualizado em 25 novembro de 2001, acessado em 22 de outubro de 2002.

do cristianismo foi impulsionada pelos primeiros evangelistas e apologistas. Isto pode ser notado pelo método exegético e homilético e que mostra o esforço por unir a fé à razão neste encontro de duas “paidéias”.

2. *Paideia*, sim, mas qual?

Os primeiros cristãos da era cristã eram considerados primitivos, acríticos e fideístas, sendo fortemente perseguidos pelos gregos e acusados de heresia, canibalismo, aborto e outras atrocidades. Foi nesta época que eles mais usaram da literatura para defender-se e fazer apologia, dirigida particularmente aos líderes políticos da época. A partir daí, os cristãos dividem-se entre os que admitiam a possibilidade de síntese com o pensamento grego (Justino e Atenágoras) e os que defendiam, no máximo, um paralelo, mas estabeleciam uma distinção clara entre fé e razão (Taciano e Tertuliano).

No terceiro século, assistimos ao surgimento da *teologia cristã* propriamente ditem Alexandria, com seus esforços por estabelecer um diálogo com a filosofia grega, dadas as pressões políticas e ideológicas, particularmente das camadas mais abastadas da sociedade.

À semelhança de Jaeger, Barros critica as interpretações superficiais que reduzem a interação entre o cristianismo e a cultura grega a uma via de mão única. Os leitores mais atentos concordariam que somente o fato de ter havido uma influência não quer dizer que a expansão do cristianismo tenha se dado exclusivamente pelo apoio na filosofia grega.¹⁴

O próprio Jaeger alertava contra a freqüente desconsideração da postura, em princípio aberta ao diálogo com todo o tipo de povos, línguas e culturas, que o cristianismo demonstrou historicamente. No

¹⁴ BARROS, Gilda Naécia “Cristianismo Primitivo e *Paideia* Grega”, disponível em <http://www.hottopos.com/vdletras2/gilda.htm>, atualizado em 25 novembro de 2001, acessado em 22 de outubro de 2002.

caso específico da cultura grega, a necessidade de troca também surgiu em resposta a um certo desnorteamento e conseqüente revisão dos princípios de fé do povo grego, dada a dissolução da sua *polis* sagrada. E essa resposta certamente se deve em grande parte ao esforço de “tradução” e “inculturação” das doutrinas cristãs para o mundo helenizado, empreendido pelos Pais da Igreja, que obteve um resultado surpreendente: “homens intelectualmente formados na cultura grega passaram a reconhecer a capacidade religiosa da filosofia.”¹⁵

A partir de Clemente e Orígenes, pelo menos, os cristãos partiram para uma filosofia do conhecimento pautada pelos princípios cristãos, que fosse uma alternativa competitiva ao Olimpo em ruínas. E o que o cristianismo tinha de mais atraente e excepcional era a sua concepção de Deus como ser *pessoal e amoroso*, que se tornava quase irresistível quando combinado com a erudição e tradição intelectual grega. A *gnosis* é assim entendida como síntese entre a imagem *esotérica* de Deus, fundada na Sua verdade, revelada por todo o mundo, e a *exotérica* que vem exclusivamente da fé.¹⁶

Sem deixar de reconhecer a sua dívida para com a cultura grega, o cristianismo criou uma “nova *paidéia*”, que tem a sua fonte de vida e ensinamentos de Cristo. Essa filosofia da educação seria implementada pelos padres capadóciolos, embora usando outra estratégia da empregada por Clemente e a Escola de Alexandria. Pautados pelos frutos do trabalho dos pensadores de Alexandria, a missão dos capadóciolos passou a ser a de buscar a liderança espiritual dos povos em redor, produzindo uma *literatura cristã* do mais alto nível, como as de São Basílio de Cesarea, São Gregório de Nisa, e outros. Jaeger chega a falar em um “neo-classicismo cristão” que assume a sua dívida para com a cultura grega.¹⁷

¹⁵ Idem, *ibidem*.

¹⁶ Idem, *ibidem*.

¹⁷ BARROS, Gilda Naécia “Cristianismo Primitivo e Paidéia Grega”, disponível em <http://www.hottopos.com/vdletras2/gilda.htm>, atualizado em 25 de novembro de 2001; acesso em 22 de outubro de 2002.

3. Carta de Barnabé: um estudo de caso

Nessa epístola, geralmente associada à *Carta dos Doze Apóstolos* ou *Didaquê*, e que emprega o mesmo princípio dos “Dois caminhos”, de forma ampliada, temos um resumo da *Paideia* Cristã dos “dois caminhos” Gostaríamos de destacar trechos como este:

O Senhor caminhou comigo no caminho da justiça e eu também me sinto impulsionado a amar-vos mais do que à minha própria vida, pois a fé e o amor que habitam em vós são grandes e fundados sobre a esperança da vida dele.¹⁸

Somente nesse trecho nota-se um apelo à ética. O que entra em destaque, portanto, não é o caminho em si, que poderia associar-se a alguma espécie de moralismo ou dualismo, mas a pessoa que nos acompanha e conduz pelo mesmo: Cristo. Ele é assim o verdadeiro Pedagogo (condutor), tanto da caminhada do Cristão quando de sua *Paideia* Cristã.

Observe-se ainda os valores que deveriam ser os motivadores essenciais da jornada educacional, e que são basicamente as virtudes teológicas da Bíblia¹⁹: amor, esperança e fé, (ausentes das propostas educacionais e das próprias sociedades atuais). Esses valores serão reiterados por todos os trechos seguintes, associados ao conhecimento e à idéia de participação, herdada do judaísmo.²⁰

Estabelece-se então uma relação entre as virtudes teológicas e as cardeais, sendo que as *primeiras* é que são realizadas por “obras de justiça”. Esse aparente “salto” no discurso sobre a visão ética no texto nos faz suspeitar de quanto estamos já distantes do conceito de justiça dos Pais da Igreja, que era inalienável dos valores teológicos. A justiça que entendemos hoje é muito antes associada a leis, códigos e processos burocráticos do que à ética do cristianismo. Assim, a

¹⁸ *Carta de Barnabé*, disponível em <http://sites.uol.com.br/agnus.dei.2002/barnabe3.htm>, acesso em 20 outubro de 2002.

¹⁹ Cf. 1Co 13.13.

²⁰ Cf. 1Co 13.13.

patrística torna-se um bom corretivo para o pensamento moderno e particularmente para a pedagogia.

De acordo com a visão deles, o educador não se coloca como um profeta ou “mestre”, mas como alguém que se identifica com os seus pupilos²¹, buscando antes de tudo a simplicidade, na esperança de “não ter deixado nada de lado. Com efeito, se vos escrevesse sobre o presente ou o futuro, não compreenderíeis, pois isso permanece em parábolas”²².

A segunda parte da carta, dedicada à moral, intitula-se, à moda do *Didaquê*, “Os Dois Caminhos”, com algumas variações. Provavelmente a Carta de Barnabé é anterior ao *Didaquê*, que é um texto um pouco mais trabalhado.

A idéia de dois caminhos pode até nos parecer dualista. Mas o autor não deixa dúvida quanto ao caráter transcendente do caminho da luz em relação ao das trevas. Não há simetria possível entre os dois. O autor faz questão de destacar ainda que, para se chegar ao caminho da luz, é necessário um esforço traduzido na prática por obras ou atitudes, como a do amor ao Criador, a glorificação, a simplicidade com riqueza de espírito, o amor ao próximo etc.²³

Apesar da linguagem imperativa empregada nesta parte, que muito lembra o decálogo²⁴, e certas passagens do Novo Testamento, não se pode negar que se trata de um “manual” do bom convívio entre cristãos. As muitas proibições parecem superar as recomendações em quantidade. Acontece que essas são muito mais abrangentes do que aquelas, já que envolvem a lei maior do amor. Semelhantemente, o caminho da luz é muito mais detalhado do que o das trevas, que se resume a alguns poucos parágrafos, como é o caso também do *Didaquê*.

²¹ “Quanto a mim, não é como mestre, mas como um de vós, que vos preparei umas poucas coisas. Através delas, vocês se alegrarão nas circunstâncias presentes”, 20.1-17.

²² Idem, *ibidem*.

²³ Idem, *ibidem*.

²⁴ Cf. Ex. 20: 1-17.

Depois da breve descrição do “caminho da morte” o autor recomenda principalmente aos líderes das comunidades a prática do bem, tendo auto-domínio, sendo fiéis conselheiros, não sendo hipócritas e deixando se instruir por Deus em tudo.²⁵

Considerações finais

Como se pode observar na Carta de Barbabé, os valores forjados pelos primeiros teólogos e filósofos do cristianismo, por mais que possam ter-se valido de técnicas e conceitos gregos e latinos, na verdade refletem a ética e a pedagogia de Cristo. Foi com as suas idéias que os Pais da Igreja lançaram os alicerces da educação no mundo ocidental, sintetizados sob a égide de uma perspectiva cristã da *Paideia*. Uma educação assim, atrelada ao *kerygma*, à mensagem da Boa Nova de um Deus pessoal e amoroso, era uma grande “novidade” para os gregos e romanos e seu conceito de *Paideia*.

Infelizmente, porém, a educação no mundo ocidental foi declarando a sua independência da Boa Nova de Cristo e focando cada vez mais em parafernálias institucionais como escolas, sistemas de ensino, estruturas legais etc.

Recomendamos a historiadores, educadores e teólogos interessados que reforcem a atenção, dada aos antigos, que certamente têm muito a nos oferecer com vistas à recuperação do conceito e identidade de uma educação “meramente” cristã. Com isso, acreditamos que nós, cristãos, possamos contribuir decisiva e positivamente para a superação da crise educacional que se observa no mundo contemporâneo secular.

Se assim não for, qual mais poderia ser o papel de uma educação e uma teologia devidamente respaldadas não apenas pelos valo-

²⁵ Carta de Barnabé, *op cit.*

res cristãos das Sagradas Escrituras, mas também pela filosofia, pela ética e pela história?

Referências bibliográficas

- BARROS, Gilda Naécia, “Cristianismo Primitivo e *Paideia* Grega”, disponível em: www.hottopos.com/vdletras2/gilda.htm. acesso em 22/10/2002.
- BENITO, Jose Ramon, “La *Paideia* Cristiana: Una interpretación” (ESTUDIOS. filosofia-historia-letras) Primavera 1985, disponível em http://www.hemerodigital.unam.mx/ANUIES/itam/estudio/estudio02/sec_62.html, acesso em em 22/10/2002.
- CARTA de Barnabé, disponível em: <www.sites.uol.com.br/agnus.dei.2002/barnabe3.htm> acesso em 20/10/2002.
- FRANGIOTTI, Roque (intr. e notas), *Padres Apostólicos*, 2ª. edição, São Paulo: Paulus, 1995.
- HALL, Christopher A. *Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja*, trad. Rubens Castilho, Viçosa (MG): Ultimato, 2000.
- JAEGER, Werner, *Cristianismo Primitivo y Paideia Griega*, 6ª. Reimpressão, México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- _____, *Paideia*, 3ª. edição, São Paulo: Martins Fontes Herder, 1995.
- LEWIS, C. S., *God in the Dock*, Grand Rapids (MI): Eerdmans, 1970.
- _____, *Cristianismo Puro e Simples*, 2ª edição, São Paulo: ABU Editora, 1985.
- PADOVESE, Luigi, *Introdução à Teologia Patrística*, São Paulo: Loyola, 1992.
- WARE, Kallistos, “God of the Fathers: C.S. Lewis and eastern Christianity”, in MILLS, David (ed.) *The Pilgrim’s Guide*, Grand Rapids (MI)/ Cambridge: Eerdmans, 1998.